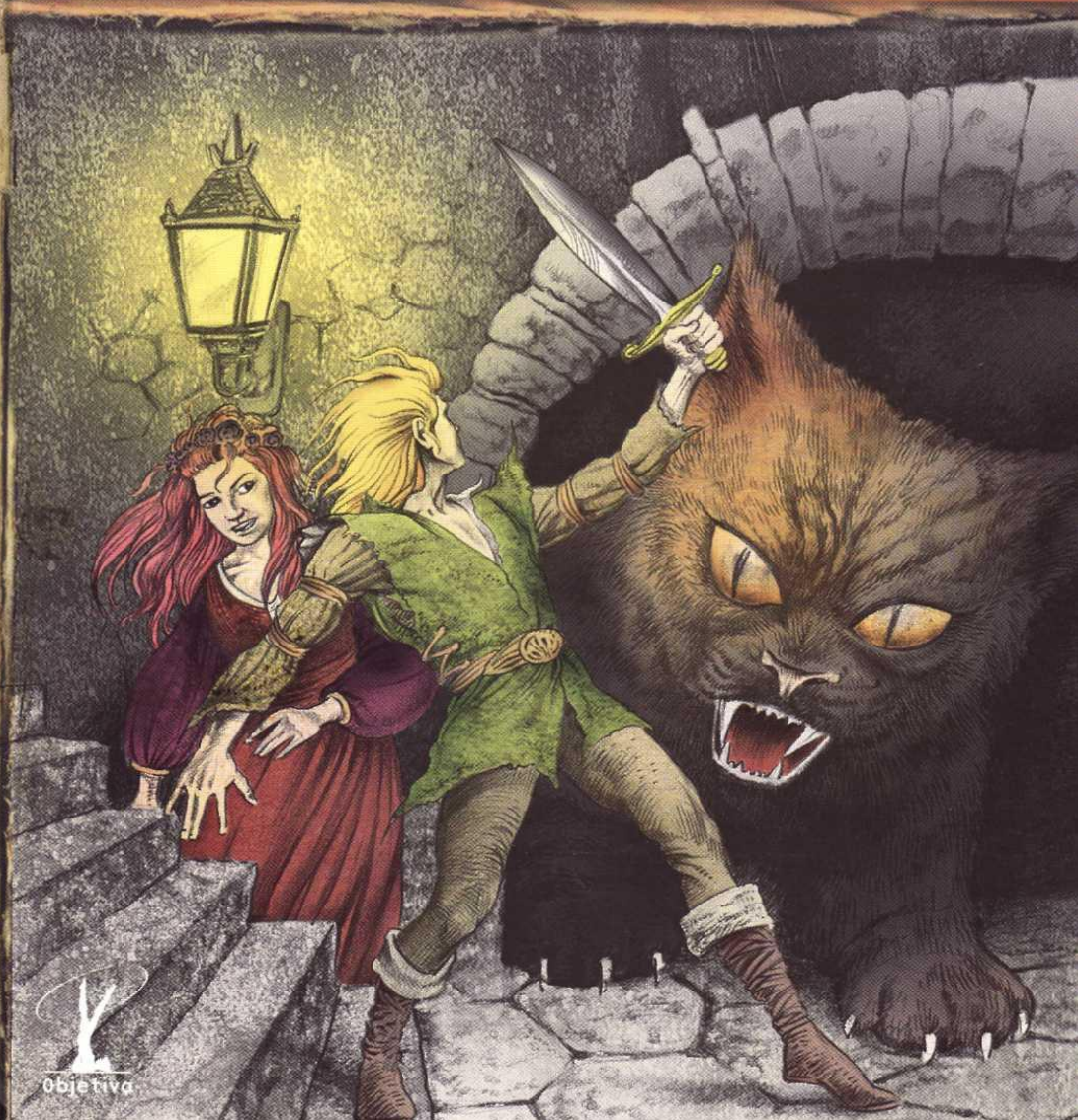


LLOYD ALEXANDER

O Castelo de Llyr

as aventuras de
PRYDAIN
volume 3



Título original
The Castle of Llyr

Capa
Pós Imagem Design

Revisão
Neusa Peçanha
Damião Nascimento
Umberto de Figueiredo

Editoração Eletrônica
Abreus System Ltda.

2003

A376c

Alexander, Lloyd

O castelo de Llyr / Lloyd Alexander tradução de Marta
O'Shea. — Rio de Janeiro: Objetiva, 2003,

195 p. (As Aventuras de Prydain; v. 3)

ISBN 85-7302-529-8

Tradução de: *The castle of Llyr*

I. Literatura infanto-juvenil, 2. Literatura inglesa — In-
fanto-juvenil. I. Título.

CDD 028.5



LLOYD ALEXANDER



O Castelo DE LLYR

as aventuras de
PRYDAIN
volume 3

TRADUÇÃO:
MARTA MIRANDA O'SHEA

REVISÃO:
JOSÉ ROBERTO O'SHEA



Nota do Autor

Nesta crônica de Prydain, seguindo o *Livro dos Três* e *O Caldeirão Negro*, o que sucede à heroína é tão importante e arriscado quanto o objetivo do próprio herói. A Princesa Eilonwy, dos cabelos vermelho-dourados, não se limita a enfrentar a inevitável (e, a seu ver, absolutamente desnecessária) provaçãõ de se tornar uma jovem da corte. Dallben, o velho feiticeiro, adverte: “Para cada um de nós chega o momento em que precisamos ser mais do que somos.” E isso é verdadeiro, tanto para a princesa, quanto para os porquinhos-assistentes.

O Castelo de Llyr, de certo modo, é mais romântico do que as crônicas precedentes — percebe-se que Taran está ciente de seus sentimentos por Eilonwy. Também é, algumas vezes, mais engraçado — por exemplo, o total desespero dos companheiros ao lidar com o Príncipe Rhun, tão bem-intencionado quanto desventurado. A atmosfera da presente narrativa é, talvez, mais agriçoce do que heróica. Mas a aventura deve conter algo que supere os elementos inerentes aos contos de fadas, tais como a esfera dourada com poderes mágicos, a rainha vingadora, o castelo misterioso e rivais que disputam a mão de uma princesa. A essência da fantasia desencadeia acontecimentos que definem melhor nossa própria fragilidade e nossa própria força. Os habitantes de Prydain são figuras fantásticas; espero que também se tornem bastante humanos.

Prydain, no entanto, é inteiramente imaginário. Monopano de fundo para *O Castelo de Llyr*, é o antigo nome galês da ilha de Anglesey. Mas esse pano de fundo não é desenhado com a exatidão de um cartógrafo. Ao contrário, minha esperança é

criar a atmosfera e não a realidade do País de Gales e suas lendas.

Alguns leitores podem ficar indignados e questionar o destino de vários vilões que fazem parte deste conto, especialmente, no caso de um dos mais repreensíveis canalhas de Prydain. Devo assinalar que *O Castelo de Llyr*, assim como os livros anteriores, pode-se afirmar como uma crônica em si mesma, sendo que certos fatos podem ter conseqüências duradouras. Além disso, nada mais hei de sugerir, mas recomendaria uma das virtudes mais difíceis: a paciência.

L. A.



CAPÍTULO I


O Príncipe Rhun

Eilonwy dos cabelos vermelho-dourados, Princesa Eilonwy, Filha de Angharad, Filha de Regat da Casa Real de Llyr, estava deixando Caer Dallben. O próprio Dallben havia determinado que fosse assim; e embora Taran sentisse, de repente, um peso estranho no coração, sabia que não poderia discordar das palavras do velho mago.

Na manhã de primavera em que Eilonwy devia partir, Taran arreou os cavalos e conduziu-os para fora do estábulo. A princesa, demonstrando uma alegria fora do comum, tinha arrumado numa sacola, que agora levava ao ombro, os poucos objetos que lhe pertenciam. Em volta do pescoço usava uma corrente fina de onde pendia uma lua crescente de prata; no dedo, um anel antigo, artesanal; e no bolso de sua veste levava outro pertence valioso: a esfera de ouro que brilhava ao seu comando, emitindo uma luz mais intensa do que a de uma tocha acesa.

Dallben, cujo semblante estava mais tenso do que de costume, e cujas costas estavam arqueadas como se suportassem uma carga pesada, abraçou a menina à porta do chalé.

— Sempre haverá lugar para você em Caer Dallben — disse ele —, e um lugar ainda maior no meu coração. Mas, infelizmente, criar uma jovem é um mistério que supera até mesmo o talento de um feiticeiro. Já tive — acrescentou com um leve sorriso — dificuldades suficientes para criar um Porqueiro-Assistente.



— Desejo-lhe uma boa viagem à ilha de Mona — Dallben prosseguiu. — O Rei Rhuddlum e a Rainha Teleria são bondosos e gentis. Estão ansiosos por substituírem a sua família e ser seus protetores, e com a Rainha Teleria você aprenderá como deve se comportar uma princesa.

— O quê? — exclamou Eilonwy. — Eu não faço a menor questão de ser uma princesa! E se já sou nobre, de que outro modo deveria agir? É como dizer a um peixe que aprenda a nadar!

— Hum! — fez Dallben, parecendo duvidar. — Nunca vi um peixe de joelhos ossudos, vestes rasgadas e pés descalços. Tais elementos não condizem com um príncipe, assim como não condizem com você.

Pousou, suavemente, a mão curtida pelo tempo no ombro de Eilonwy.

— Menina, menina, você não percebe? Para cada um de nós chega o momento em que precisamos ser mais do que somos.

E virou-se para Taran.

— Cuide bem dela — disse. — Tenho certo receio de deixar você e Gurgi seguirem com ela, mas, se é para tornar mais fácil a partida, que seja.

— A Princesa Eilonwy deve ir para Mona com toda a segurança — respondeu Taran.

— E você — disse Dallben —, tome cuidado ao voltar. Meu coração não terá sossego até então.

Abraçou a menina e entrou, rapidamente, no chalé.

Haviam decidido que Coll os acompanharia até o porto do Grande Avren e traria de volta os cavalos. O velho e corpulento guerreiro, já montado, aguardava pacientemente. Gurgi, com os pêlos emaranhados, montado em seu pônei, de tão pensativo que estava, até parecia uma coruja com dor de estômago.

Kaw, o corvo adestrado, quieto como nunca, empoleirou-se na sela de Taran. Este ajudou Eilonwy a montar Lluagor, o corcel preferido da jovem, e então montou Melynlas, o garanhão de crina prateada.

Deixando Caer Dallben para trás, o pequeno grupo pôs-se a caminho, atravessando as colinas suaves em direção ao Avren. Lado a lado, Taran e Coll seguiam à frente dos demais para mostrar o caminho, enquanto Kaw viajava, confortavelmente, no ombro de Taran.

— Ela jamais conseguiu parar de falar, nem por um instante — disse Taran, tristonho. — Agora, finalmente, Caer Dallben será um lugar mais quieto.

— Isso vai ser — disse Coll.

— E não haverá tanto com o que se preocupar. Ela sempre se metia em apuros.

— Isso, também — disse Coll.

— Será melhor assim — disse Taran. — Afinal de contas, Eilonwy é uma princesa de Llyr. Não é como se fosse apenas uma Porqueira-Assistente.

— É verdade — concordou Coll, olhando em direção às pálidas colinas.

Cavalgaram juntos, em silêncio, por algum tempo.

— Sentirei saudades dela — enfim, extravasou Taran, meio contrariado.

O guerreiro experiente deu um sorriso largo e sua careca enrubescceu.

— Você lhe disse isto?

— Não... exatamente... não — hesitou Taran. — Suponho que deveria ter-lhe dito, mas sempre que começo a falar sobre esse assunto, sinto-me muito esquisito. Além do mais, nunca se sabe que tipo de comentário tolo ela há de fazer quando alguém tentar lhe falar a sério.

— Pode ser que — Coll retrucou, sorrindo — pouco saibamos a respeito daquilo que para nós é mais valioso. No entanto, teremos mais do que o suficiente para nos manter ocupados quando você voltar, e você vai aprender, meu garoto, não há nada como o trabalho para fazer o coração se aquietar.

Taran meneou a cabeça, tristemente.

— Suponho que sim — disse.

Depois do meio-dia voltaram seus cavalos para o oeste, dando início a uma longa descida pelos morros, em direção ao vale do Avren. Quando chegaram à última colina, Kaw pulou do ombro de Taran, bateu as asas e, do alto, grasnou com entusiasmo. Taran apressou Melynlas. Lá embaixo, avistava-se o grande rio em seu curso, mais largo nessa região do que em outras por onde passara. A luz solar sarapintava a água do recanto abrigado onde ficava o porto. Uma embarcação leve e comprida bamboleava próximo à praia. Taran podia distinguir figuras a bordo puxando os cabos para erguerem a vela branca e quadrangular.

Eilonwy e Gurgi também tinham avançado. O coração de Taran disparou; para o grupo de amigos, a visão do porto e do veleiro à espera era como o vento do mar trazendo tristeza àquela cena. Eilonwy começou a tagarelar alegremente, e Gurgi agitou os braços com tanta força que por pouco não caiu da sela.

— Sim, é claro que sim! — gritou. — Para o valente e destemido Gurgi, será uma alegria acompanhar o bondoso mestre e a nobre princesa, velejando e flutuando!

A meio galope desceram a colina e apearam à beira d'água. Ao vê-los, os marinheiros colocaram uma prancha entre a embarcação e a margem. Feito isso, um jovem subiu na prancha e, com passadas largas, apressou-se em direção aos companheiros. Mas, tinha dado apenas alguns passos, ao atravessar a

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

